

Compostas – uma abordagem antroposófica

Composite family – an anthroposophic approach

Rodolfo Schleier,^I Cristiane Sacuragui Quirino^{II}

^IFarmacêutico, especialista em fitoterapia

^{II}Farmacêutica, especialista em homeopatia

Endereço para correspondência:
rodolfo.schleier@gmail.com

Palavras-chave: Compostas; *Compositae*; *Asteraceae*; medicamento antroposófico; farmácia antroposófica; saúde integral.

Key words: *Composite*; *Compositae*; *Asteraceae*; anthroposophic medicinal product; anthroposophic pharmacy; integral health.

RESUMO

As plantas da família *Compositae* (*Asteraceae*) estão distribuídas por todo o globo terrestre e são largamente utilizadas para fins medicinais, entre outras aplicações. Uma abordagem botânica ampliada pela antroposofia permite classificar as compostas em grupos de acordo com a dinâmica das forças vitais na planta, a qual se reflete nas suas indicações terapêuticas. Distinguem-se claramente três grupos de compostas, atuantes respectivamente sobre cada sistema orgânico do ser humano: neurosensorial, rítmico e metabólico. A seguir é apresentada uma lista das indicações terapêuticas das compostas mais importantes, com base nos compêndios antroposóficos oficialmente reconhecidos para fins de registro de medicamentos.

ABSTRACT

The plants of the *Compositae* (*Asteraceae*) family are spread all over the globe and they are widely used for medicinal purposes, among other applications. An anthroposophic extended botanic approach allows classifying *Compositae* in groups according to the vital forces dynamics in the plant, which is reflected in its therapeutic indications. Three groups of *Compositae* are clearly recognizable, with effects respectively on each organic system of the human being: neurosensory, rhythmic and metabolic systems. A list of the therapeutic indications of the most important *Compositae* is presented, based on the officially recognized compendia for medicines registration.

A escolha das matérias primas para compor uma formulação farmacêutica é baseada na relação arquetípica entre estas e o ser humano. As forças vitais, manifestas de maneira diferente em cada planta, são conduzidas para o medicamento por meio de processos farmacêuticos específicos.¹⁻⁴

Os conceitos de metamorfose e polaridade, fundamentais na abordagem goethiana da natureza, podem ser aplicados ao estudo dos quatro reinos da natureza.⁵ Toda forma de vida manifesta-se em polaridades e na contínua busca pelo equilíbrio.⁶ O medicamento é o portador das forças vitais capazes de restaurar o equilíbrio no ser humano doente.⁴

Os autores pretendem demonstrar como as forças vitais se manifestam nas plantas da família das compostas (*Compositae* ou *Asteraceae*) e a partir daí apresentar alguns exemplos e suas indicações terapêuticas, tomando como base os principais compêndios antroposóficos reconhecidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) para registro de medicamentos no Brasil.^{7,8}

ASPECTOS BOTÂNICOS

As compostas são plantas muito fáceis de reconhecer pela sua inflorescência na forma de capítulo. O nome *Compositae* foi dado por Lineu, botânico sueco (1707 – 1778), que instituiu a classificação botânica por família pelo formato da flor. Mais recentemente, a família foi denominada *Asteraceae*, em homenagem ao gênero *Aster*, considerado o mais representativo dessa família.^{9,10} O nome *Aster* (do latim: astro, estrela) possui a mesma origem da palavra asterisco, que também designa um gênero de compostas, *Asteriscus*.¹¹

As compostas dividem-se em mais de dez tribos.¹² As mais numerosas estão contidas na Tabela 1.

Tabela 1. Principais tribos de compostas. ¹²	
Tribo	Principais gêneros
<i>Anthemideae</i>	<i>Achillea, Anthemis, Artemisia, Chamaemelum, Chrysanthemum, Matricaria, Tanacetum</i>
<i>Astereae</i>	<i>Aster, Baccharis, Bellis, Grindelia, Solidago</i>
<i>Calenduleae</i>	<i>Calendula</i>
<i>Cardueae (Cynareae)</i>	<i>Arctium, Carduus, Centaurea, Cnicus, Cynara, Onopordum, Saussurea</i>
<i>Cichorieae</i>	<i>Cichorium, Lactuca, Sonchus, Taraxacum</i>
<i>Eupatorieae</i>	<i>Eupatorium, Mikania, Stevia</i>
<i>Gnaphalieae</i>	<i>Achyrocline, Gnaphalium, Leontopodium</i>
<i>Heliantheae</i>	<i>Acanthospermum, Arnica, Bidens, Helianthus, Tagetes</i>
<i>Inuleae</i>	<i>Inula</i>
<i>Mutisiae</i>	<i>Gerbera</i>
<i>Senecioneae</i>	<i>Petasites, Senecio, Tussilago</i>
<i>Vernonieae</i>	<i>Vernonieae</i>

Devido à distribuição geográfica global dessa família, e à sua importância, a classificação das compostas dá margem a várias e calorosas polêmicas, as quais fogem ao escopo deste artigo.¹³ No meio farmacêutico homeopático e antroposófico, ainda são bastante usuais os nomes definidos por Lineu.

Segundo Pelikan, as compostas representam o ápice da evolução vegetal no polo floral. O estudo desta família recapitula todo o universo das plantas com flores. Assim como uma árvore é uma multidão de pequenas plantas em uma só, o capítulo floral é uma junção de várias flores em uma unidade perfeita. A composta é de algum modo, uma flor elevada à segunda potência (ao quadrado).¹⁴

O habitat preferido das compostas são os campos descobertos, expostos à luz, as altas montanhas, desertos, cerrados. Nas regiões frias e montanhosas, elas brotam na primavera após o derretimento da neve. Em regiões tropicais, ocorrem geralmente em grandes altitudes onde a temperatura é mais amena, ou em clareiras no meio das florestas. São geralmente plantas herbáceas ou subarborescentes. Raras compostas são arbustos ou trepadeiras (por exemplo, *Mikania*, guaco). Igualmente raras são as compostas tóxicas (por exemplo, *Lactuca virosa*, alface brava).¹⁴

A inflorescência em capítulo, composta de várias flores, se assemelha a uma só flor. As folhas terminais dos ramos formam um cálice (invólucro). Os brotos terminais formam um receptáculo. As brácteas (folhas metamorfoseadas) das pequenas flores têm forma de escamas. As sépalas formam uma mecha plumosa, que confere leveza aos pequenos frutos – alguns inclusive têm a capacidade de voar, levados pelo vento (Fig. 1). As flores do centro exercem o papel de órgãos reprodutores, as flores ao redor desempenham o papel de pétalas. Ou seja, as estruturas individuais das flores formam uma grande estrutura coletiva. São plantas que têm pressa em formar o capítulo floral, não “perdem tempo” formando tronco lenhoso ou se enlaçando a plantas estranhas. Vivem na esfera floral e apresentam intensa metamorfose foliar ao longo de seu ciclo (Fig. 2).¹⁴



Figura 1. Sementes de *Arnica montana* L. Imagem em domínio público disponível em <www.wikimedia.org>.



Figura 2. *Achillea millefolium* L. Ilustração de 1885. Imagem em domínio público disponível em <www.wikimedia.org>.

As compostas distribuem-se em mais de mil gêneros e cinquenta mil espécies, espalhados por toda a superfície terrestre (exceto regiões polares).¹⁵

Pode-se dizer em sentido figurado, que a flor expressa a individualidade da espécie vegetal.⁶ O agrupamento de flores em forma de capítulos altamente estruturados é uma clara expressão dos processos de silício, que por sua vez possuem relação análogica com a organização do eu no ser humano.^{16,17}

IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E CULTURAL

Algumas compostas têm uma enorme importância para o ser humano. Várias espécies têm múltipla utilidade, de modo que podem ser consideradas ao mesmo tempo como planta alimentícia, medicinal e ornamental (Tabela 2). A flora brasileira também possui várias espécies compostas medicinais, algumas já consagradas pela medicina popular, outras em estudo (Tabela 3).

COMPOSIÇÃO QUÍMICA E USO NA MEDICINA ANTROPOSÓFICA

Pelikan (1893 -1981) propôs a divisão das compostas em três grandes grupos de acordo com o formato da flor: tubulifloras (flores em forma de tubo, que desabrocham na vertical), ligulifloras (flores em forma de lingueta, que desabrocham na horizontal) e radiadas (flores mistas – tubulares no centro e ligulifloras na periferia).¹⁴

Tabela 2. Principais compostas utilizadas pelo ser humano.

Nome popular	Nome científico
Alcachofra	<i>Cynara scolymus</i> L.
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.
Almeirão (chicória)	<i>Cichorium intybus</i> L.
Arnica	<i>Arnica montana</i> L.
Calêndula	<i>Calendula officinalis</i> L.
Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> L.
Cravo-de-defunto	<i>Tagetes spp.</i>
Crisântemo	<i>Chrysanthemum spp.</i>
Dália	<i>Dahlia spp.</i>
Dente-de-leão	<i>Taraxacum officinale</i> L.
Equinácea	<i>Echinacea angustifolia</i> DC. <i>Echinacea purpurea</i> (L.) Moench
Escarola (endívia)	<i>Cichorium endivia</i> L.
Estévia	<i>Stevia rebaudiana</i> Bertoni
Gérbera	<i>Gerbera spp.</i>
Girassol	<i>Helianthus annuus</i> L.
Losna (absinto)	<i>Artemisia absinthium</i> L.
Margarida	<i>Bellis perennis</i> L.
Mil-folhas	<i>Achillea millefolium</i> L.

Tabela 3. Compostas brasileiras de interesse medicinal.

Nome popular	Nome científico
Alecrim-do-campo	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.
Arnica brasileira	<i>Solidago microglossa</i> DC., <i>Lychnophora ericoides</i> Mart., <i>Lychnophora pinnaster</i> Mart.
Assapeixe	<i>Eupatorium polyanthes</i> Spreng.
Carqueja	<i>Baccharis genistelloides</i> (Lam.) Pers., <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.
Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng., <i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Baker
Jambu (agrião-do-Pará)	<i>Spilanthes oleracea</i> L.
Macela	<i>Achyrocline satureioides</i> DC.
Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.

Os termos “tubuliflora” e “liguliflora” foram criados por Karl August Otto Hoffmann, botânico alemão (1853 – 1909) que influenciou grandemente a botânica do século XX. Hoffmann foi um dos maiores estudiosos das compostas, tendo ele mesmo nomeado um grande número de espécies. Ele constituiu um extenso herbário a partir de amostras do mundo todo, o qual foi mais tarde incorporado ao Jardim Botânico de Berlim.¹⁵

A formação de substância na planta é resultado da expressão das forças vitais predominantes. Compostas formadas apenas por flores ligulares caracterizam-se por formar látex. Estas são predominantemente alimentícias: alface, escarola (endívia), chicória (almeirão). Algumas são tóxicas

(por exemplo, *Lactuca virosa* L., a alface brava). O látex é resultado da ação dos processos aquosos, influenciados pela Lua. A formação de látex é uma característica lunar.^{3,14}

Compostas formadas apenas por flores tubulares não produzem látex e sim óleos fixos, como o girassol. Óleos fixos em plantas resultam da ação do calor solar.^{3,14} Compostas mistas (radiadas) produzem principalmente óleos essenciais. São plantas predominantemente aromáticas e medicinais, por exemplo, camomila, mil-folhas, arnica; ou condimentares, tais como o estragão.¹⁴

Outra abordagem antroposófica mais recente distingue cinco tipos básicos de compostas, com base na dinâmica das forças vegetativas e sua relação com o ser humano.¹⁸

De um lado, encontra-se o tipo *Arnica* (Fig. 3), que inclui a calêndula (Fig. 4) e a camomila. Este grupo caracteriza-se por grande contenção das forças vegetativas, folhas resinosas, rápida formação de flores e ação predominante sobre o sistema neurosensorial. Do lado oposto, o tipo *Artemisia* (Fig. 5) caracterizado por pequena contenção das forças vegetativas, desenvolvimento mais exuberante, folhas mais aromáticas, princípios amargos, flores de tamanho insignificante e ação predominante no sistema metabólico, especialmente na digestão. E em situação intermediária, as compostas que atuam mais sobre o sistema rítmico e sua interface com os outros dois sistemas. Este grupo inclui o *Cichorium* (Fig. 6) e o *Onopordum* (ou *Onopordon*) (Fig. 7).¹⁸



Figura 3. *Arnica montana* L. Imagem com licença Creative Commons, disponível em <www.wikimedia.org>. Autor: Hans Hillewaert.



Figura 4. *Calendula officinalis* L. Imagem em domínio público disponível em <www.wikimedia.org>.



Figura 5. *Artemisia absinthium* L. Imagem com licença Creative Commons, disponível em <www.wikimedia.org>. Autor: Danny Steven S.



Figura 6. *Cichorium intybus* L. Imagem com licença Creative Commons, disponível em <www.wikimedia.org>. Autor: Joaquim Alves Gaspar.



Figura 7. *Onopordum acanthium* L. Imagem em domínio público disponível em <www.wikimedia.org>.



Figura 8. *Baccharis trimera* (Less) DC. Imagem com licença Creative Commons, disponível em <www.wikimedia.org>. Autor: Matheus Hidalgo.

De maneira geral, as compostas são ricas em plantas ornamentais (dália, margarida) e plantas com substâncias corantes. A cor alaranjada da calêndula é devida principalmente aos carotenoides, mesmo pigmento das cenouras (*Daucus carota* L.). Em várias regiões, sítiantes adicionam ramos floridos de serralha (*Sonchus oleraceus* L.) e calêndula à ração das aves, para produzir ovos com gema mais amarela. O azuleno e o camazuleno são óleos essenciais de cor azulada, extraídos originariamente de plantas compostas. Segundo Goethe, a cor é resultado da ação de processos luminosos intensos. Plantas coloridas, portanto, expressam uma relação arquetípica com a luz.^{3,18}

Algumas raízes de compostas acumulam inulina em vez de amido. A inulina, descoberta na composta *Inula helenium* L., é um carboidrato intermediário entre açúcar e amido, similar ao glicogênio armazenado no fígado. É uma reserva nutricional que se forma no outono para que a planta possa rebrotar na primavera. Está presente naturalmente nas raízes de compostas como girassol-batateiro (*Helianthus tuberosus* L.), bardana (*Arctium lappa* L.), chicória e dente-de-leão; e também em plantas não compostas como trigo, cebola, banana, alho e aspargo. O girassol-batateiro é culti-

vado em larga escala como fonte de frutose para a indústria. Raízes de chicória e de dente-de-leão, torradas e moídas, são usadas em alguns países como substituto do café.¹⁴

Em resumo, as compostas se apresentam como algo plástico, variável. São plantas intensamente ligadas à luz. Fogem das trevas e da umidade. Apesar de terem as raízes fincadas na terra, estão abertas ao cosmos. A luz solar orienta suas forças formadoras na direção de um processo floral intenso – mas sem invadir o âmbito vegetativo, de modo que não se formam substâncias tóxicas. Suas flores são geralmente claras, luminosas, com perfumes delicados, suaves. Isso caracteriza uma astralidade particular, contida pela ação de um princípio mais elevado, ordenador e estruturador.^{14,18}

As compostas variam tanto sua morfologia, a ponto de se adaptarem a praticamente todas as regiões do globo terrestre – tal como o ser humano. O polo floral altamente desenvolvido expressa relação analógica com a organização do eu, capaz de plasmar e se adaptar a qualquer situação. Isso justifica o emprego das plantas desta família em medicamentos antroposóficos indicados principalmente para harmonizar e estruturar as funções orgânicas (Tabelas 4 a 7).

Tabela 4. Principais compostas utilizadas na medicina antroposófica. Princípio terapêutico predominante: estruturante, regenerador – neurosensorial.			
Planta	Parte usada	Indicada no tratamento auxiliar de:	Ref.
<i>Achillea millefolium</i>	Planta inteira florida fresca	Uso int.: hemorragias, eczemas, hemorroidas, menorragia, prurido. Estimulo ao metabolismo e aos processos digestivos. Dismenorreia, dores, espasmos e cólicas nos distúrbios menstruais. Uso ext. (pomada): hemorroidas, eczema anal.	1,18,21
<i>Arnica montana</i>	Planta inteira florida fresca	Uso int. D3-D6: danos mecânicos e isquêmicos, traumatismos, fraturas, entorses, contusões, hematomas, contraturas, distensões musculares, artrite, artrose, extrações dentárias, feridas com estase venosa, distúrbios da cicatrização, após procedimentos dermatológicos e pequenas cirurgias. D10-D20: herpes zoster, neurite. Acima de D20: apoplexia, arteriosclerose, derrame cerebral, esclerose múltipla.	1,18-22
	Flor seca	Uso ext. (pomada, gel): contusões, arranhões (não aplicar em feridas abertas), hematomas, dores musculares, inflamações articulares subagudas e crônicas, comoção cerebral, apoplexia, paralisias.	1,20,21
	Raiz seca	Uso int. D3-D6: doenças inflamatórias, degenerativas e traumáticas do sistema nervoso, síndrome cervical, ciática.	1,18,19,21
<i>Calendula officinalis</i>	Partes aéreas floridas frescas	Uso int. D2-D6: feridas abertas que costumam a cicatrizar, inflamações da pele, mucosas e tecidos subjacentes, feridas superficiais. Uso ext. TM (diluída em água), pomada, gel: feridas e inflamações superficiais da pele, após procedimentos dermatológicos e pequenas cirurgias, distúrbios da cicatrização, rachaduras dos mamilos em lactantes, para cicatrização da episiotomia, erisipela, corrimento vaginal em parturientes (lôquios), dermatite por radioterapia, fissura anal, piodermite, impetigo, úlcera crural. Supositórios: fissura anal. Óvulos: feridas e inflamações superficiais do trato genital feminino. TM (diluída em água para enxague da cavidade bucal e garganta): abscessos na cavidade bucal, estomatite, aftas, lesões bucais por mononucleose, mucosite por quimioterapia, faringite, amigdalite.	1,18-22
	Flor seca	Uso ext. (óleo): inflamações da pele, mucosas e tecidos subjacentes, feridas superficiais que costumam a cicatrizar, dermatite por radioterapia, erisipela.	1,18,20,21
<i>Echinacea angustifolia</i>	Planta inteira florida fresca	Uso int. (dil. a partir da D2, glób. a partir da D3): como estimulante do sistema imune, processos febris e inflamatórios locais e sistêmicos, estados gripais, supurações, abscessos na cavidade bucal, prostatite crônica, mastite puerperal, mastoidite, endocardite, furunculose, feridas de cicatrização difícil, anexite, endometrite, linfadenite.	1,18-21
<i>Echinacea purpurea</i>	Planta inteira florida fresca	Uso int. (trit. a partir da D1, dil. a partir da D3): distúrbios de motilidade e secreção do trato digestório e genital, tendência a flatulência e espasmos, dismenorreia, enxaqueca de origem metabólica, distúrbios da dentição, labilidade da pressão sanguínea, nevralgias faciais, distúrbios da dentição e do sono em bebês e crianças pequenas, corrimento vaginal em parturientes (lôquios), contrações uterinas pós-parto.	1,18-21
<i>Eupatorium perfoliatum</i>	Partes aéreas floridas frescas	Uso int. (dil., glób. a partir da D4): gripe, bronquite, dor de cabeça, dengue.	1,18,21
<i>Matricaria chamomilla</i>	Planta inteira florida fresca	Uso int. (a partir da D2): espasmos e dores na musculatura lisa, espasmos no trato digestório e genital, meteorismo, cólicas infantis, dispepsia, dismenorreia, distúrbios da dentição, distúrbios da motilidade e secreção do estômago e intestino, distúrbios da dentição e do sono em bebês e crianças pequenas, estados febris.	1,3,18-21
	Raiz seca	Uso int. (trit. a partir da D1, dil. a partir da D3): distúrbios de motilidade e secreção do trato digestório e genital, tendência a flatulência e espasmos, dismenorreia, enxaqueca de origem metabólica, distúrbios da dentição, labilidade da pressão sanguínea, nevralgias faciais, distúrbios da dentição e do sono em bebês e crianças pequenas, corrimento vaginal em parturientes (lôquios), contrações uterinas pós-parto.	1,3,18-22
<i>Solidago virgaurea</i>	Partes aéreas floridas frescas	Uso int. (dil. a partir da D2): nefropatias, gota, hipertrofia prostática benigna.	1,18

Dil.: diluição; ext.: externo; glób.: glóbulos; int.: interno; Ref.: referências bibliográficas; TM: tintura-mãe; trit.: trituração.

Tabela 5. Principais compostas utilizadas na medicina antroposófica. Princípio terapêutico predominante: amargo, digestivo – metabólico.			
Planta	Parte usada	Indicações	Ref.
<i>Artemisia abrotanum</i>	Folhas e pontas de ramos frescos	Uso int. (dil. a partir da D2): ascite, epistaxe, inapetência e debilidade geral em crianças, acne, distúrbios do apetite, digestão e desenvolvimento, estados de fraqueza e esgotamento. Uso ext. (pomada): danos provocados pelo frio, hemangiomas.	1,18,20,21
<i>Artemisia absinthium</i>	Partes aéreas floridas frescas	Uso int. (dil. a partir da D1): inapetência, dispepsia, discinesia das vias biliares, acidez gástrica insuficiente ou excessiva, gota, reumatismo, artrose, supurações crônicas.	1,18,21
<i>Cynara scolymus</i>	Folhas frescas	Uso int. (dil. a partir da D1): distúrbios digestivos, especialmente do fígado, hipercolesterolemia, doenças biliares. Estimulo à atividade desintoxicante do fígado.	1,3,18
<i>Baccharis trimera</i>	Partes aéreas secas	Uso int. (a partir da TM): distúrbios digestivos. Inapetência, leve efeito diurético e colerético.	1,3
<i>Gentiana lutea</i>	Raiz seca	Uso int. (a partir da TM): dispepsia, inapetência, fraqueza digestiva, meteorismo, perda de apetite, enjoo, enjoo na gestação, doenças crônicas inflamatórias intestinais, doenças inflamatórias da pele e articulações.	1,18,21
<i>Taraxacum officinale</i>	Planta inteira florida fresca	Uso int. (a partir da TM): distúrbios hepáticos e digestivos, colecistite, colecistopatia, hepatite, hipertensão portal, apatia, depressão de origem hepática, cirrose, eczemas.	1,3,18,19,21

Dil.: diluição; int.: interno; Ref.: referências bibliográficas; TM: tintura-mãe.

Tabela 6. Principais compostas utilizadas na medicina antroposófica. Princípio terapêutico predominante: rítmico.			
Planta	Parte usada	Indicações	Ref.
<i>Carduus marianus</i>	Semente seca	Uso int. (a partir da TM): distúrbios digestivos e hepáticos, ascite, cálculos biliares, hepatite aguda e crônica, esteatose hepática, colecistite, colangio-hepatite, hepatopatias tóxicas, colestase intra-hepática, hemorroidas, bronquite.	1,3,20,21
<i>Cichorium intybus</i>	Planta inteira florida fresca	Uso int. (a partir da TM): distúrbios digestivos, desequilíbrios funcionais do fígado e vesícula, fraqueza digestiva com tendência a gases e obstipação, gastrite crônica, colite, colecistopatias, bronquite crônica.	1,3,18-21
<i>Carduus benedictus</i>	Planta inteira florida fresca	Uso int. (a partir da D3): ascite, edema, inapetência, cólicas biliares e espásticas.	1,18
<i>Onopordum acanthium</i>	Folhas frescas	Uso int. (associado): harmonização das funções cardíacas, labilidade circulatória, palpitações, extrassístole, dores cardíacas, disfunções hepáticas e biliares, estados maniaco-depressivos.	1,3,18

Int.: interno; Ref.: referências bibliográficas; TM: tintura-mãe.

Tabela 7. Formulações tradicionais da medicina antroposófica à base de compostas.			
Formulação	Indicações	Observações*	Ref.
<i>Absinthium D1 / Resina Laricis D3</i> dil.	Uso int.: discinesias das vias biliares, reumatismo, artrose, supurações persistentes nas doenças crônicas, diabetes, retinopatia diabética, irite crônica, sinusite crônica e purulenta, polinose (alergia a pólen), prevenção de gripe e infecções do trato respiratório superior em adultos.	Na Alemanha disponível também em colírio.	1,18-21
<i>Achillea millefolium D3 / Aesculus hippocastanum D3 / Antimonit (Antimonium crudum) D8 / Gentiana lutea D3 / Hamamelis, cortex D3</i> dil.	Uso int.: insuficiência venosa, hemorroidas, fissura anal, eczema anal, prurido anal, fístulas, varicoses, estase portal.	Comercializada na Alemanha como <i>Achillea comp.</i> dil. Weleda.	1,18,20,21
<i>Achillea millefolium D1 / Capsella bursa-pastoris D1 / Origanum majorana D1 / Quercus robur D1 / Urtica dioica D1</i> dil. (Sugestão para substituição: <i>Achillea milefolium D3 / Capsella bursa-pastoris D4 / Origanum majorana D3 / Quercus, cortex D1 / Urtica dioica D2</i>) dil.	Uso int.: distúrbios da menstruação e do climatério, como menorragia, dismenorreia, tensão pré-menstrual, sintomas vegetativos, distúrbios do sono.	Antigamente comercializada no Brasil como Menodoron Weleda.	1,18-20, 22
<i>Acidum hydrochloricum D3 / Belladonna D4 / Chamomilla, radix D3 / Cichorium D1 / Ipeca D4</i> dil.	Uso int.: dispepsias e alterações da motilidade gastrointestinal.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Acidum hydrochloricum composto</i> Weleda.	1,21
<i>Aconitum D10 / Chamomilla, radix D3 / Lachesis D12 / Melissa D3 / Sepia D4</i> dil.	Uso int.: sintomas do climatério, como ondas de calor (fogachos), insônia, irritabilidade e taquicardia.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Melissa / Sepia composta</i> Weleda.	1
<i>Aconitum D4 / Amica, planta tota D2 / Bryonia alba, radix D3</i> dil.	Uso int.: reumatismo, lombalgia, cialgia, gota, inflamações articulares, sensíveis ao toque e que pioram pelo movimento.	Antigamente comercializada no Brasil como Rheumodoron 1 Weleda.	1
<i>Allium cepa D3 / Amica planta tota D3 / Symphytum D3</i> dil.	Uso int.: fraturas e traumatismos, como estímulo à cicatrização e consolidação, bursite.		1,19
<i>Antimonium crudum D3 / Belladonna D3 / Bismuthum subnitricum D5 / Chamomilla D3</i> trit.	Uso int.: gastrite, azia, cólicas abdominais, dor de estômago, náuseas e vômitos, distúrbios digestivos e flatulência.	Antigamente comercializada no Brasil como Gastrodoron Weleda. Comercializado na Alemanha como <i>Pulvis stomachicus cum Belladonna</i> Weleda.	1,2,19-21
<i>Arnica planta tota D10 / Belladonna D10 / Magnesium phosphoricum D6</i> dil.	Uso int.: enxaqueca, epilepsia, síndrome cervical.		1,20
<i>Arnica planta tota D3 / Belladonna D3</i> dil., glób.	Uso int.: apoplexia.		1,19
<i>Arnica TM / Calendula TM / Echinacea purpurea TM / Silicea D6 / Stibium met. D6 trit., ou Arnica TM / Calendula TM / Echinacea purpurea TM / Silicea D8 / Stibium met. D8</i> dil.	Uso ext. (dil., trit.): inflamações, infecções e feridas de pele e mucosa agudas ou crônicas, furunculose, feridas de difícil cicatrização, ulcerações de pele e mucosas, eczemas, cicatrização do coto umbilical.	Antigamente comercializada no Brasil como Wecesin Weleda.	1

<i>Arnica, planta tota D3 / Echinacea purpurea TM dil.</i>	Uso int.: prevenção de infecções.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Arnica / Echinacea composta</i> Weleda.	1,21
<i>Arnica, planta tota TM / Urtica urens, herba TM pomada, gel</i>	Uso ext.: queimaduras, queimaduras solares, danos cutâneos agudos por irradiação, picadas de insetos, exantema alérgico, varicela.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Combudoron</i> Weleda.	1,19,20
<i>Artemisia absinthium D2 / Cocculus indicus D4 / Ipecacuanha D4 / Nux vomica D6 / Petroleum D12 dil.</i>	Uso int.: náuseas e vômitos em viagens e na gestação, cinetose.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Nausyn</i> Weleda.	1
<i>Artemisia absinthium TM / Carum carvi TM / Geum urbanum TM dil.</i>	Uso int.: estímulo ao tônus, circulação e processo digestivo no trato gastrointestinal, no tratamento auxiliar da fraqueza digestiva com anorexia, intolerância alimentar, náuseas, meteorismo.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Artemisia composta</i> Weleda.	1,19
<i>Belladonna D4 / Chamomilla, radix D3 / Nicotiana tabacum D6 dil., glób.</i>	Uso int.: distúrbios funcionais de motilidade e secreção do estômago, intestino e vesícula biliar, espasmos da musculatura lisa, úlcera gástrica e duodenal, flatulência, cólicas intestinais, cólicas menstruais, enxaqueca de origem metabólica, distúrbios da dentição. Supositórios: cólicas e espasmos abdominais.		1,21
<i>Belladonna D6 / Chamomilla radix D3 dil., glób.</i>	Uso int.: cólicas estomacais e intestinais, dispepsia, dismenorria.		1,19,21
<i>Calendula TM / Mercurialis perennis TM / Balsamum peruvianum D3 / Resina Laricis D3 / Stibium met. praep. 0,4%</i>	Pomada: feridas, abscessos, mastite. Óvulos: inflamações superficiais do trato genital feminino, colpite bacteriana.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Mercurialis composta</i> .	1,22
<i>Calendula TM 20% / Stibium met. praep. 0,2% pomada</i>	Uso ext.: fissura anal, hemorroidas, prurido anal, inflamações cutâneas, especialmente nos estados subcrônicos a crônicos, eczema seco, erisipela.		1, 19
<i>Carduus marianus D1 / Chelidonium TM / Onopordum TM / Taraxacum TM / Urtica dioica TM dil.</i>	Uso int.: estímulo à atividade hepática, biliar, pancreática e intestinal, eczemas.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Chelidonium composto</i> Weleda.	1
<i>Chamomilla D2 Cupro culta dil.</i>	Uso int.: cólicas da musculatura lisa, estados de inquietação e excitação, cólicas estomacais e periumbilicais, piloroespasmos, cólica de recém-nascido, dismenorria, hipertensão, arteriosclerose, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade.		1,18-20
<i>Chamomilla, radix D3 / Nicotiana D10 glób.</i>	Uso int.: enxaqueca.		1,19
<i>Chelidonium majus D1 / Cynara scolymus TM / Peumus boldus D1 / Taraxacum officinale TM dil.</i>	Uso int.: distúrbios do fígado e vesícula, má digestão, intolerância a alimentos gordurosos, náuseas, cefaleia, gosto amargo, flatulência, constipação e falta de apetite, dislipidemias, litíase biliar.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Hepabile</i> Weleda.	1
<i>Cichorium D2 Plumbo cultum dil.</i>	Uso int.: distúrbios funcionais do fígado e vesícula, fraqueza digestiva com flatulência e obstipação, bronquite crônica, eczema, hipersensibilidade a estímulos externos.		1,18-20
<i>Cichorium D2 Stanno cultum dil.</i>	Uso int.: distúrbios funcionais do fígado e vesícula. Fraqueza digestiva com flatulência e obstipação, doenças inflamatórias crônicas e degenerativas do fígado, bronquite crônica, estados maníaco-depressivos leves a moderados, depressão crônica com perda de apetite e obstipação.		1,18-20
<i>Echinacea angustifolia D3 / Argentum met. praep. D30 dil.</i>	Uso int.: amigdalite, prostatite crônica.		1,19
<i>Onopordum acanthium cum Hyoscyamus niger TM / Primula veris cum Hyoscyamus niger TM dil.</i>	Uso int.: arritmias cardíacas, taquicardia, debilidade circulatória, hipotensão postural ortostática, distúrbios do sono, distúrbios cardíacos funcionais, distúrbios cardiovasculares durante doenças infecciosas, hipertensão arterial sistêmica essencial, insuficiência cardíaca, doenças febris agudas (especialmente em crianças), sintomas cardíacos das neuroses, excitação nervosa, fobias, esgotamento por estresse, distúrbios do sono.	Antigamente comercializada no Brasil como <i>Cardiodoron</i> Weleda.	1,18-21
<i>Taraxacum officinale D2 Stanno cultum dil.</i>	Uso int.: distúrbios digestivos, doenças hepáticas, eczemas, hepatite, esteatose hepática, cirrose, estados depressivos de origem hepática.		1,18-20

Dil.: diluição; ext.: externo; glób.: glóbulos; int.: interno; met.: metallicum; praep.: praeparatum; Ref.: referências bibliográficas; TM: tintura-mãe; trit.: trituração.
*Nomes antigos que não devem constar na prescrição médica, mas sim sua composição completa (conforme listado), para que não se caracterize prescrição por código, proibida pelas autoridades sanitárias.

NOTA SOBRE SEGURANÇA

O longo histórico de uso humano das compostas acima relacionadas, tanto para fins medicinais como alimentícios, permite afirmar que são plantas relativamente seguras. Raras são as compostas tóxicas. Estudos realizados na área da fitoterapia têm mostrado que extratos destas plantas obtidos em água e/ou álcool são mais efetivos e seguros do que os compostos isolados.²³⁻²⁵

A única ressalva se refere à possibilidade de alergia em indivíduos sensíveis. Estima-se que uma pequena porcentagem da população mundial apresente alergia ao pólen das flores compostas, particularmente de algumas flores silvestres dos gêneros *Ambrosia*, *Artemisia*, *Baccharis* e *Iva*.^{26,27} Estes gêneros são os mais comumente associados à alergia de contato e febre-do-feno (polinose) na América do Norte e Europa. O pólen das espécies *Cichorium intybus* e *Matricaria chamomilla* também é mencionado na literatura por possuir

leve potencial alergênico. Devido a alguns componentes comuns a estas plantas, podem ocorrer raros casos de hipersensibilidade individual por reações cruzadas, especialmente ao utilizar preparações para uso local, ou em baixas dinâmicas (até a D8). Além disso, não têm sido observadas contraindicações.

Um estudo observacional prospectivo, multicêntrico, realizado pela Associação Alemã de Médicos Antroposóficos, avaliou as prescrições de medicamentos à base de compostas no período de setembro de 2004 a 2006. Participaram do estudo 38 médicos e 50.115 pacientes. No total, 18.830 pacientes receberam 42.378 medicamentos antroposóficos contendo derivados de compostas. A mais prescrita foi *Matricaria chamomilla* (23%), seguida de *Calendula officinalis* (20%) e *Arnica montana* (20%). Nenhum efeito adverso sério foi reportado no uso destes medicamentos.²⁸

A prática médica antroposófica acumulada ao longo de mais de noventa anos permite afirmar que os medicamentos obtidos das plantas desta família possuem largo espectro de aplicações, além de alta tolerabilidade, baixo índice de efeitos adversos e boa aceitação pelo médico e pelo paciente.^{1-3,18-21}

CONCLUSÃO

As compostas têm grande importância como plantas alimentícias, medicinais e ornamentais. Elas podem ser classificadas em tipos, de acordo com aspectos botânicos e respectivas ações terapêuticas.

Os compêndios antroposóficos consultados concentram-se sobre as compostas mais comuns no continente europeu. No entanto, um amplo campo de investigação está aberto ao pesquisador que voltar sua atenção para as compostas sul-americanas. Com base nas indicações de Steiner para a pesquisa científico-espiritual, é possível compreender a dinâmica de forças vitais de qualquer planta, e a partir daí encontrar relações analógicas com suas aplicações terapêuticas conhecidas, assim como novas aplicações potenciais. A abordagem antroposófica, com sua integração entre os saberes tradicionais e os conhecimentos acadêmicos, mostra-se como uma real possibilidade de ampliação do arsenal médico-farmacêutico.

Declaração de conflito de interesses

Os autores são colaboradores da Weleda do Brasil Laboratório e Farmácia Ltda.

Referências bibliográficas

- Gardin NE, Schleier R. Medicamentos antroposóficos: vademecum. São Paulo: João de Barro; 2009.
- Glöckler M. Anthroposophic medicinal therapy for physicians and pharmacists. Stuttgart: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft; 2005.
- Moraes WA. Medicina antroposófica: um paradigma para o século XXI. São Paulo: Associação Brasileira de Medicina Antroposófica; 2005.
- Schleier R, Gardin NE. Os processos farmacêuticos antroposóficos. *Arte Méd Ampl.* 2008; 28(1-2):42-8.
- Steiner R. O método cognitivo de Goethe. 2ª Ed. São Paulo: Antroposófica; 2004.
- Goethe JW. A metamorfose das plantas. São Paulo: Religião e Cultura; 1986.
- Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução n. 26, de 30 de março de 2007. Dispõe sobre o registro de medicamentos dinamizados industrializados homeopáticos, antroposóficos e anti-homotóxicos. *Diário Oficial da União, Brasília (DF)*; 2007 Abr 2; Seção 1:57-62.
- Brasil. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Instrução Normativa n.º 03, de 11 de abril de 2007. Dispõe sobre a "Lista de referências bibliográficas para avaliação de segurança e eficácia de medicamentos dinamizados". *Diário Oficial da União, Brasília (DF)*; 2007 Abr 13; Seção 1:70-71.
- Gonçalves E, Lorenzi H. *Morfologia Vegetal*. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora; 2007.
- Raven PH, Evert RF, Eichorn SE. *Biologia Vegetal*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2007.
- Origem da Palavra. Site de Etimologia [citado 2015 Mai 08]. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br>>.
- Wu ZY, Raven PH, Hong DY. *Flora of China*. Beijing: Science Press, St. Louis: Missouri Botanical Garden Press; 2011.
- Susanna A. Cartes a l'Editor. *Collectanea Botanica (Barcelona)*. 2009;28:141-3.
- Pelikan W. *Healing Plants - Insights Through Spiritual Science*. Spring Valley: Mercury Press; 1997.
- Funk VA, Susanna A, Stuessy TF, Bayer RJ. *Systematics, evolution, and biogeography of Compositae*. Viena: International Association for Plant Taxonomy; 2009.
- Steiner R. Pontos de vista da ciência espiritual para a medicina. São Paulo: João de Barro; 2008.
- Schleier R, Galitesí-Lulo CR, Ferreira ECM. Silício e cálcio – uma abordagem antroposófica. *Arte Méd Ampl.* 2014;34(3):102-13.
- Schramm HM. *Booklet of Remedies for the anthroposophic medicine*. Basel: Novalis; 1997.
- Husemann F, Wolff O. *A imagem do homem como base da arte médica*. São Paulo: Resenha Universitária; 1978.
- Vademecum Anthroposophische Arzneimittel. 3. ed. Filderstadt: Gesellschaft Anthroposophischer Ärzte in Deutschland e.V. & Medizinische Sektion der Freien Hochschule für Geisteswissenschaft; 2013.
- Anthroposophische Arzneimittel - Aufbereitungsmonographien der Kommission C. Filderstadt: Gesellschaft Anthroposophischer Ärzte in Deutschland; 1999.
- Hemmerich FH. Compêndio para a clínica ginecológica e obstétrica. *Arte Méd Ampl.* 2009;29(3-4):3-60.
- Wagner H, Wiesenauer M. *Fitoterapia: fitofármacos, farmacologia e aplicações clínicas*. 2. ed. São Paulo: Pharmabooks; 2006.
- Alonso JR. *Tratado de fitomedicina*. Buenos Aires: Isis; 1998.
- Grande S, Bogani P, Saizieu A, Schueler G, Galli C, Visioli F. Vasomodulating potential of Mediterranean wild plant extracts. *J Agric Food Chem.* 2004;52:5021-6.
- Lundh K, Hindsén M, Gruberger B, Möller H, Svensson A, Bruze M. Contact allergy to herbal teas derived from Asteraceae plants. *Contact Dermatitis* 2006;54(4):196-201.
- Pollen Library [monografia na Internet]. Plymouth Meeting: IMS Health Inc.; 2015 [citado 2015 Mai 21]. Disponível em <<http://www.pollenlibrary.com/FAMILY/ASTERACEAE/>>
- Jeschke E, Ostermann T, Lüke C, Tabali M, Kröz M, Bockelbrink A. et al. Remedies containing Asteraceae extracts. A prospective observational study of prescribing patterns and adverse drug reactions in German primary care. *Drug Safety.* 2009;32(8):691-706.

Avaliação: Editor e dois membros do conselho editorial

Recebido em 26/05/2015

Aceito em 29/06/2015